

PRÁTICAS RITUAIS NO BRONZE DO SUDOESTE – ALGUNS DADOS

António M. Monge Soares¹, Filipe J. C. Santos², Joke Dewulf³, Manuela de Deus⁴ & Ana Sofia Antunes⁵

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento cultural dentro de uma determinada comunidade pré ou proto-histórica poderá ser reconstituído a partir do registo arqueológico, o qual é, como se sabe, muito parcial em relação à realidade que representa. Os rituais dessa comunidade, indicadores do seu desenvolvimento cultural, podem ser vistos como mecanismos que dão forma às suas crenças, à sua ideologia e à sua identidade ou como fontes de poder para aqueles que os criaram, que os controlavam ou que tomavam parte neles, podendo revelar bastante acerca dessa comunidade e da sua dinâmica (KYRIAKIDIS, 2004, 2007).

Existem diversas definições para ritual, as quais estão longe de obter uma aceitação generalizada (RENFREW, 2007; MARCUS, 2007). Na definição de ritual são usados conceitos como estruturado, repetitivo, ordenado, intencional, raro, não doméstico, os quais são vagos, por vezes paradoxais, mesmo contraditórios (MORRIS & RANDALL, 2008). Ritual é muitas vezes associado exclusivamente a crenças religiosas e espirituais. Os antropólogos sociais têm, contudo, mostrado que existem muitos diferentes tipos de rituais. Podem ser seculares, religiosos, relacionados com a classe social ou com o sexo, pessoais, etc. Os arqueólogos, por seu lado, têm, por vezes, utilizado o termo ritual por duas razões que estão, em geral, estreitamente associadas: quando o artefacto ou contexto se afasta de uma funcionalidade pragmática do quotidiano ou quando não é compreendido (BRÛCK, 1999). Na ausência de melhor definição, associaremos o conceito de ritual a realidades do registo arqueológico que possam traduzir um simbolismo ao nível de crenças e de gestos significantes, tanto na esfera do quotidiano, como na do mundo funerário.

Esta comunicação, baseada essencialmente nas intervenções arqueológicas de que temos sido responsáveis em algumas áreas da bacia do Guadiana, abarca um período cronológico balizado pelo denominado Horizonte de Ferradeira, de um lado, e pelas primeiras manifestações orientalizantes, do outro, integrável naquilo que H. Schubart (1975) denominou de Bronze do Sudoeste.

Dois tipos de contextos arqueológicos foram objecto de análise tendo em vista a identificação e caracterização de práticas rituais: as sepulturas/necrópoles e as áreas de *habitat*.

¹ Instituto Tecnológico e Nuclear, Estrada Nacional 10, 2686-953 Sacavém. amsoares@itn.pt

² ARQUEOHOJE, R. da Escola, Lote 9, Loja 2, Santa Eulália, 3500-682 Viseu. santos.philipe@gmail.com

³ OCRIMIRA, Largo do Paço Novo, 5, 7320-111 Castelo de Vide. dewulfjoke@yahoo.com

⁴ IGESPAR – Extensão de Castro Verde, Rua D. Afonso Henriques, 98, 7780-183 Castro Verde. mdeus@igespar.pt

⁵ Câmara Municipal de Serpa, Praça da República, 7830-389 Serpa. asofia@cm-serpa.pt

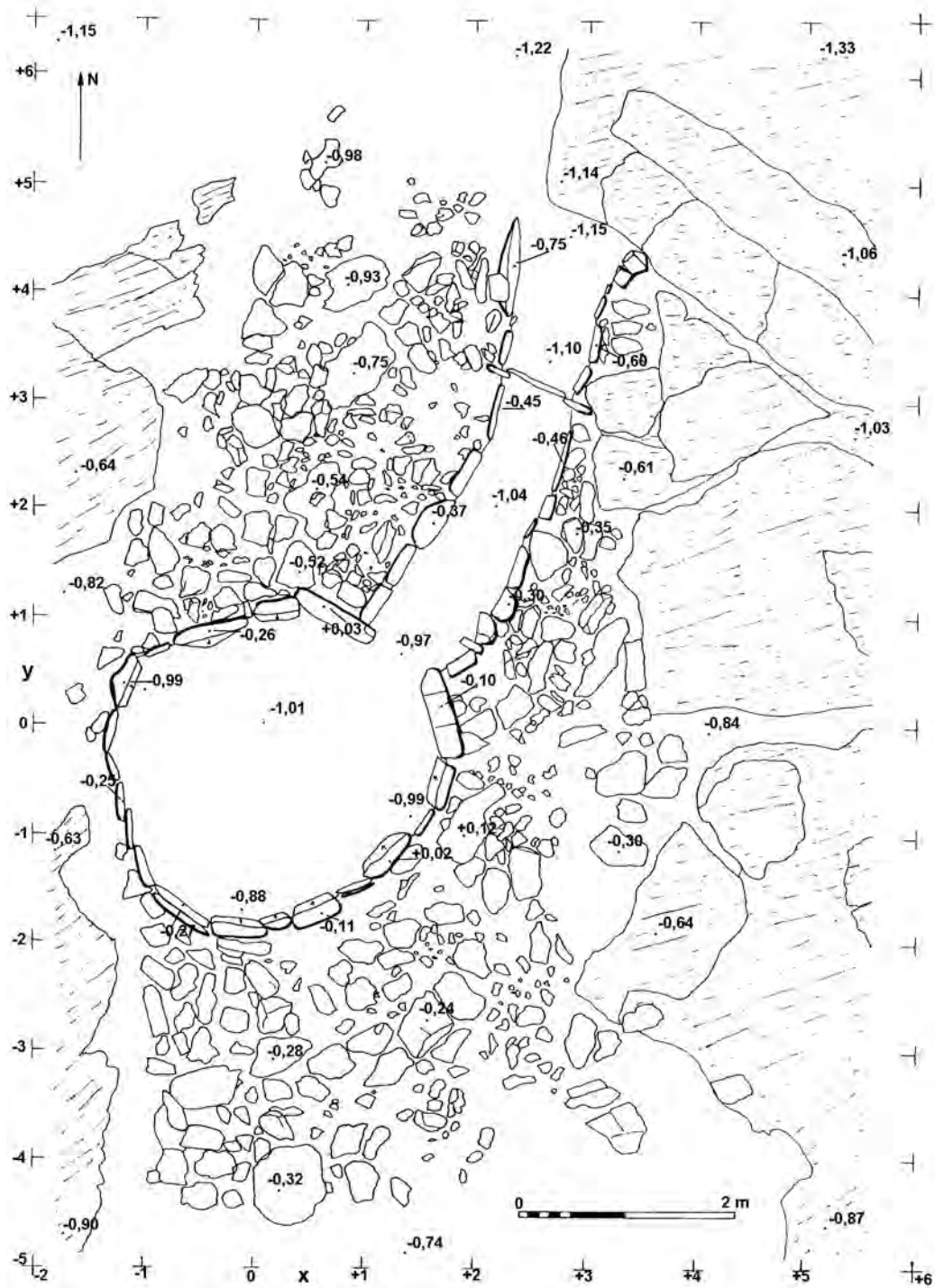


Fig. 1 - Planta do monumento do Monte da Velha 1 (MV1). Cotas em metros; a tracejado leve, representa-se a rocha-virgem.

2. CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS DOS RITUAIS

2.1. Rituais nas sepulturas/necrópoles

2.1.1. Uma inumação do Horizonte de Ferradeira

Ao Horizonte de Ferradeira, tal como foi definido por H. Schubart (1971, 1975), corresponde uma mudança do ritual funerário – aos sepulcros colectivos calcólicos, até então em uso, sucedem-se as sepulturas individuais, construídas de raiz, ou inumações individuais em espaços bem delimitados reutilizando, embora, sepulcros colectivos. No pseudo-*tholos* MV1 do Monte da Velha (Vila Verde de Ficalho, Serpa), ao escavar-se a câmara do monumento (Fig. 1; ver SOARES, 2008), a cerca de um metro da entrada, logo no início da escavação daquela, surgiram a pouca profundidade duas lajes rectangulares de xisto. Encontravam-se encostadas pelo topo uma à outra, à cota de -0,40 m, assentes em terra, a cerca de 20 cm do chão da câmara e afastadas entre si, na base, cerca de 40 cm. As lajes, com uma espessura irregular (entre os 3 e os 10 cm), formavam assim um ângulo agudo, encontrando-se o espaço delimitado pelas lajes orientado na direcção N-S, segundo o seu maior comprimento (Fig. 2). A estrutura protegia um conjunto cerâmico, que se encontrava no seu interior, constituído (ver Fig. 3) pelo vaso MV1-1, o qual continha o vaso MV1-2 que, por sua vez, tinha entre o seu enchimento vários fragmentos (os únicos encontrados) do vaso MV1-3.

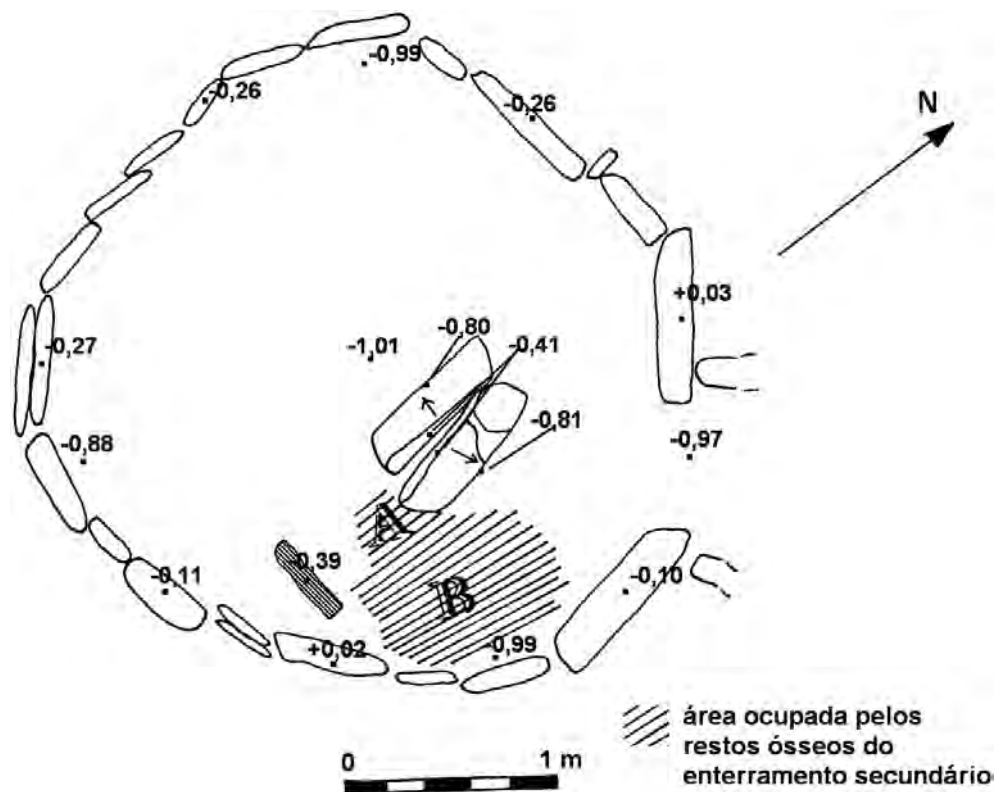


Fig. 2 – O enterramento secundário em MV1. A zona onde se encontraram os restos ósseos encontra-se representada a tracejado largo: A – área, à cota de -1,00 m, com fragmentos do crânio; B – região, entre as cotas de -0,80 m e -1,00 m, com fragmentos de ossos longos. As duas lajes inclinadas, próximo do centro da câmara, protegiam as dádivas funerárias, em cerâmica. A tracejado fino, uma laje de xisto vertical, assente no chão da câmara e que parecia delimitar, a sul, o enterramento secundário.

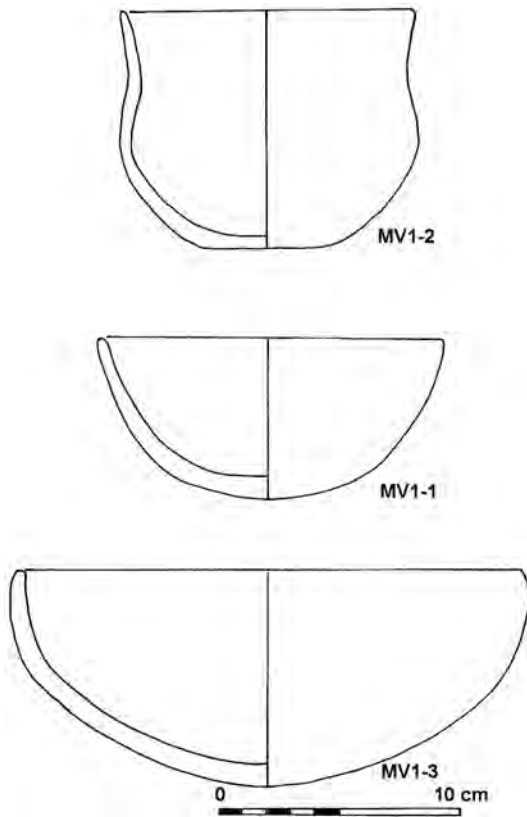


Fig. 3 – Dádivas funerárias da inumação. O vaso MV1-1 continha o vaso MV1-2, que, por sua vez, tinha, no seu interior, os fragmentos recuperados de MV1-3.

sim de uma segunda inumação. No mesmo sentido poderão apontar as fracturas antigas que o vaso campaniforme liso MV1-2 apresentava e o estado de fragmentação de MV1-3, cujos restos se encontravam no interior de MV1-2. Estes vasos, conjuntamente com MV1-1, poderão ter acompanhado a eventual inumação primária e daí a fragmentação verificada.

Foi possível, dada a boa conservação dos fragmentos ósseos da calote craniana do indivíduo inumado em MV1, datar pelo radiocarbono (AMS) esta inumação. A data obtida

Beta-194027 3900±40 BP ($\delta^{13}\text{C} = -19,4 \text{ ‰}$)

quando calibrada, fazendo uso do programa CALIB REV5.0.1 (STUIVER & REIMER, 1993) e da curva IntCal04 (REIMER *et al.*, 2004), conduz aos seguintes intervalos, com as seguintes distribuições de probabilidade (entre parênteses):

para 1 σ : 2465 – 2343 cal BC (1,)

para 2 σ : 2479 – 2280 cal BC (0,97096); 2250 – 2230 cal BC (0,021764);
2219 – 2211 cal BC (0,007276)

Esta datação permite, assim, situar o enterramento do Horizonte de Ferradeira de MV1 no terceiro quartel do III Milénio a.C.

A sul desta estrutura, a cerca de meio metro, encontrava-se uma laje colocada de cutelo, assente simplesmente, sem qualquer apoio lateral, no solo da câmara e com o topo sensivelmente à mesma cota do topo da estrutura precedente. Entre essa laje e a estrutura referida, mas na vizinhança imediata desta, ao nível do solo da câmara, encontravam-se os fragmentos de um crânio (área A, na Fig. 2), enquanto outros fragmentos ósseos do esqueleto se posicionavam espalhados (área B) até aos esteios da câmara, entre as cotas -0,80 m e -1,00 m, tendo alguns sido referenciados mesmo por debaixo dos vasos cerâmicos e, por conseguinte, por debaixo da estrutura das duas lajes. O esqueleto, além de muito fragmentado, não estava completo, não se encontrando os ossos em posição anatómica. Tratar-se-ia, antes, de um aglomerado de ossos em que, no entanto, era possível isolar os fragmentos cranianos, que se posicionavam junto aos outros, mas sem se misturarem com eles.

Trata-se de um esqueleto de um indivíduo adulto, com mais de 35/40 anos, não lhe tendo sido detectadas, nos poucos restos ósseos recuperados, quaisquer alterações patológicas (SILVA *et al.*, 2008). O posicionamento dos restos ósseos, nomeadamente a dimensão da área por eles ocupada, encontrando-se mesmo alguns por debaixo das dádivas cerâmicas e da estrutura pétrea que as protegia, bem como o estado de fragmentação em que se encontravam, sugere que não se trataria de uma inumação primária, mas

2.1.2. Os contextos funerários do Bronze Pleno

2.1.2.1. As inumações em cista

As cistas constituem as estruturas funerárias do Bronze Pleno mais usuais na bacia do Guadiana. São geralmente rectangulares ou trapezoidais, delimitadas lateralmente por quatro lajes rectangulares colocadas de cutelo (esteios), com uma laje maior a servir de cobertura. As dimensões destas estruturas são variáveis, embora o seu eixo maior pouco ultrapasse o metro de comprimento. Os esteios maiores são habitualmente travados pelos menores (o dos pés e o da cabeceira), além de que pequenos blocos e pequenas lajes de pedra auxiliam nesse travamento e aplanam a área onde assenta a grande laje de cobertura. O fecho das cistas pode ser reforçado pela utilização de uma gordura animal, com propriedades hidrófugas, o que impermeabilizaria as mesmas, como acontecia na sepultura da Herdade do Montinho, Vale de Vargo, Serpa (Fig. 4; ver RIBEIRO & SOARES, 1991) e numa outra da Folha das Palmeiras, Mourão (PAÇO & LEAL, 1962/63).

Podem conter uma ou mais inumações. O corpo era depositado em decúbito lateral, com os membros superiores e inferiores flectidos, isto é, na denominada posição fetal, não sendo coberto por terra. As cistas podem conter apenas um indivíduo como, por exemplo, na cista atrás referida da Herdade do Montinho, na do Carapetal, Vila Nova de S. Bento (SOARES, 1976/77), e na de Santa Justa, Serpa (SOARES, 1994), ou conter duas ou mais tumulações como na sepultura 1 do Monte da Cabida 3, S. Manços (Fig. 5), onde foram identificados dois esqueletos de adultos e um de recém-nascido.

As cistas podem encontrar-se aparentemente isoladas – Herdade do Montinho, Carapetal, Santa Justa, Barranco do Salto (SOARES, 1994) – ou formando cemitérios mais ou menos extensos – Bugalhos (Serpa) com duas cistas (SOARES, 2000); Talho do Chaparrinho (Vila Verde de Ficalho) com três cistas (SOARES, 1994); Carapinhais



Fig. 4 – A cista da Herdade do Montinho. Assinala-se a mancha de terra negra gordurosa que impermeabilizaria o interior da cista.



Fig. 5 – A sepultura 1 do Monte da Cabida 3. Observa-se a última inumação, em posição fetal, e as dádivas funerárias em cerâmica.

(Sobral da Adiça) com quatro (SOARES *et al.*, 2007); Monte da Cabida 3 (S. Manços, Évora) com pelo menos seis (ANTUNES *et al.*, 2008).

Não tem sido registada a existência de *tumulus* na maior parte das cistas isoladas; apenas na da Herdade do Montinho a existência de um *tumulus* era aparente (RIBEIRO & SOARES, 1991). Já na necrópole do Talho do Chaparrinho, uma das cistas inseria-se num verdadeiro *cairn*, constituído por blocos de diorito, delimitado por lajes de xisto, e todo ele coberto por calhaus brancos rolados de quartzo leitoso (Fig. 6). Na necrópole dos Carapinhais (Fig. 7), as cistas inserem-se em recintos circulares, delimitados por lajes de xisto colocadas de cutelo e preenchidos por outras lajes e blocos de xisto. Na necrópole do Monte da Cabida 3, as cistas não se encontram inseridas em recintos pétreos e, aparentemente, não possuíam *tumulus*, embora seja possível que as grandes destruições provocadas pelas lavouras tenham truncado a estruturação primitiva da necrópole.

Com excepção das cistas do Monte da Cabida 3, de que se falará adiante, as outras cistas, quer as isoladas, quer as integradas em cemitérios têm orientações diversas. Assim, quatro têm uma orientação SE-NW, duas ESE-WNW, outras duas E-W, ainda outras duas ENE-WSW, uma NE-SW e uma outra NNE-SSW. No entanto, deverá notar-se que as duas cistas da necrópole dos Bugalhos, que distam entre si cerca de 2 metros (Fig. 8) e cuja contemporaneidade, *in lato sensu*, não oferece dúvida, têm orientações diferentes – enquanto uma delas tem uma orientação E-W, já a outra se orienta na direcção ESE-WNW. Estas diferentes orientações, que não correspondem à orientação dos planos de xistosidade da rocha-irmã (xisto) onde as sepulturas se implantam, poderá implicar que a sua construção se deu em dois momentos diferentes do ano, admitindo que os seus construtores lhe queriam dar uma orientação E-W através da observação do nascer (ou do pôr) do Sol (SOARES, 2000). Outra explicação terá de ser encontrada para as orientações das cistas observadas na necrópole dos Carapinhais (ver Fig. 7) – aqui, as sepulturas inseridas nas estruturas tumulares de maior diâmetro têm uma orientação SE-NW, enquanto que as inseridas nas de menor diâmetro têm uma direcção aproximadamente perpendicular àquelas (ENE-WSW).



Fig. 6 – Uma das cistas da necrópole do Talho do Chaparrinho inserida num *cairn* constituído por blocos de diorito, delimitado por lajes de xisto, e coberto por calhaus brancos rolados de quartzo leitoso.

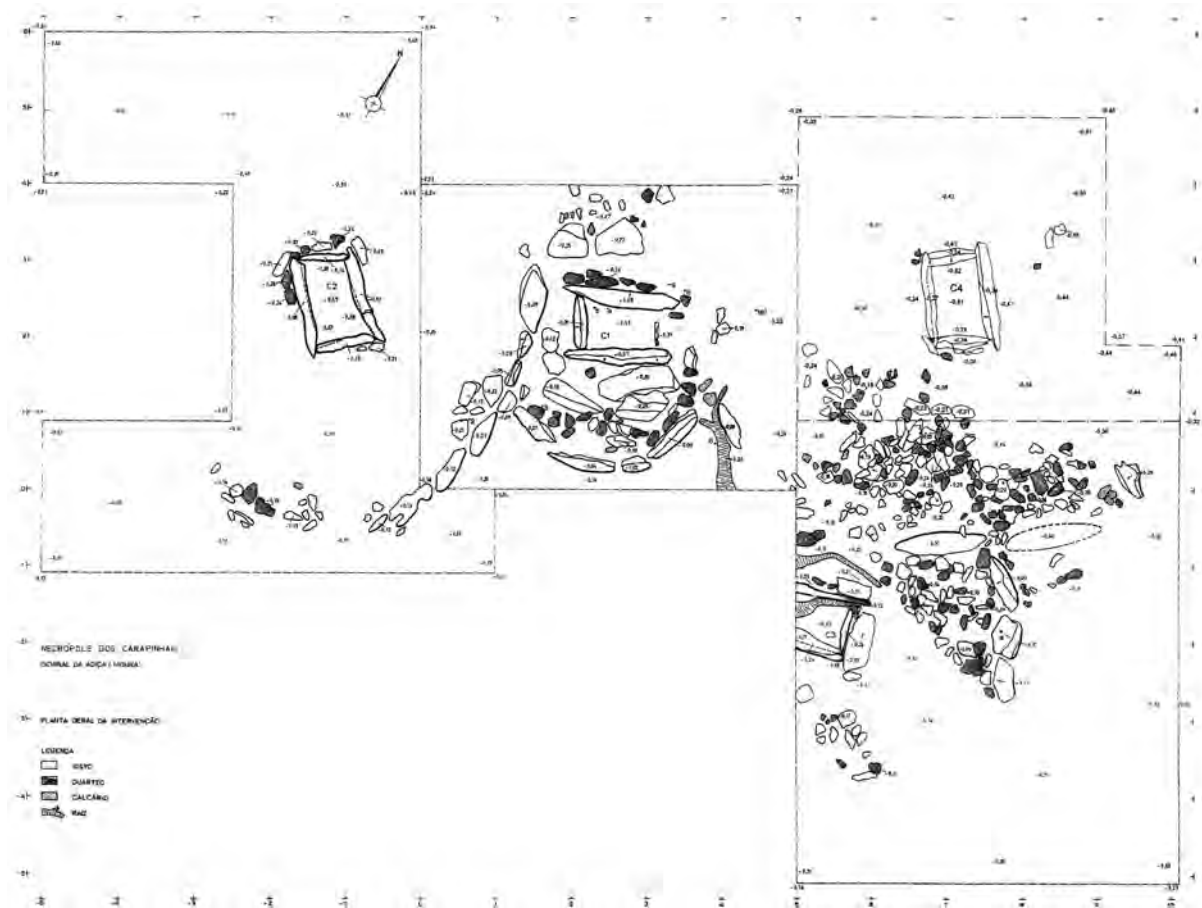


Fig. 7 - Planta geral da necrópole dos Carapinhais.

Por fim, das seis cistas registadas no Monte da Cabida 3, em quatro foi possível determinar a sua orientação, a qual não parece obedecer a qualquer regra: duas têm orientação NE-SW, uma SE-NW e uma outra direcção ENE-WSW.

2.1.2.2. As inumações em hipogeus

Além das inumações em cista, atribuíveis ao Bronze Pleno do SW, foi também identificado um hipogeu com duas inumações. Trata-se da sepultura de Belmeque (Vale de Vargo, Serpa), onde se encontravam inumados dois adultos (um deles do sexo masculino), cujos crânios aparentemente não se encontravam na sepultura (OLIVEIRA, 1994, p. 185). As inumações estavam acompanhadas de um riquíssimo espólio (SCHUBART, 1975, p. 257-258 e Tafel 59), de que trataremos mais adiante. Considerou-se que esta sepultura, datada pelo radiocarbono de 3230 ± 60 BP (ICEN-142), representaria uma manifestação exógena ao Bronze do SW, com paralelos próximos no Sudeste Peninsular, na Cultura de El Argar (SOARES, 1994, p. 183).



Fig. 8 - A necrópole dos Bugalhos.

2.1.2.3. As inumações em fossa

Recentemente, trabalhos de investigação conjugados com outros de carácter preventivo permitiram identificar diversos povoados abertos na bacia do Guadiana, do tipo daqueles conhecidos na bibliografia espanhola como “campos de hoyos”, e que constituem uma novidade no registo arqueológico do Alentejo (ANTUNES *et al.*, 2008). Implantam-se em terrenos férteis, e denotam, em alguns casos, a simbiose do espaço habitacional com o funerário. O Monte da Cabida 3 é um exemplo paradigmático destes sítios arqueológicos, onde além das fossas/”silo”, indiciadoras de uma área de habitat, existem as sepulturas em cista já referidas. Algumas das fossas contêm também inumações, algumas possivelmente do Bronze Pleno, enquanto que outras serão atribuíveis ao Neolítico/ Calcolítico e ainda outras, já datadas pelo radiocarbono, ao Bronze Final.

Próximo do Monte da Cabida 3 encontra-se um outro sítio arqueológico, Horta do Albardão 3, que conheceu dois momentos de ocupação. O mais antigo é atribuível ao Calcolítico e encontra-se testemunhado por uma estrutura de combustão associada a um nível de lixeira e por um fosso de planta sinuosa e perfil em V. O mais recente data dos finais do Bronze Pleno. Está documentado por uma inumação numa fossa/”silo”, de fundo aplanado, com um diâmetro de cerca de 1,3 m e 1,2 m de profundidade, a qual foi selada intencionalmente por meio de um enchimento pétreo muito compacto e bem estruturado, composto por pequenas lajes de xisto angulosas, elementos de calcário e blocos de granito boleados de grande dimensão. O indivíduo encontrava-se sepultado em decúbito lateral direito, com os membros flectidos, tendo o crânio sido aparentemente separado do corpo e depositado num nível superior, sobre uma base de lajes planas (Fig. 9). Não existia nenhuma deposição artefactual associada a esta inumação, mas o esqueleto foi datado pelo radiocarbono, tendo-se obtido a data Sac-2252 3080 ± 60 BP.

2.1.2.4. As dádivas funerárias

À grande diversidade observada, quer no tipo de sepulturas, quer na sua orientação, quer nas estruturas que dão forma às necrópoles, corresponde também uma grande diversidade nas dádivas funerárias, designadamente na tipologia das formas cerâmicas depositadas nas sepulturas. Embora às estruturas funerárias do Bronze Pleno,



Fig. 9 – Inumação numa fossa/”silo” da Horta do Albardão 3. À direita, um pormenor do crânio, que se encontrava separado do resto do esqueleto e depositado sobre uma base de lajes planas.

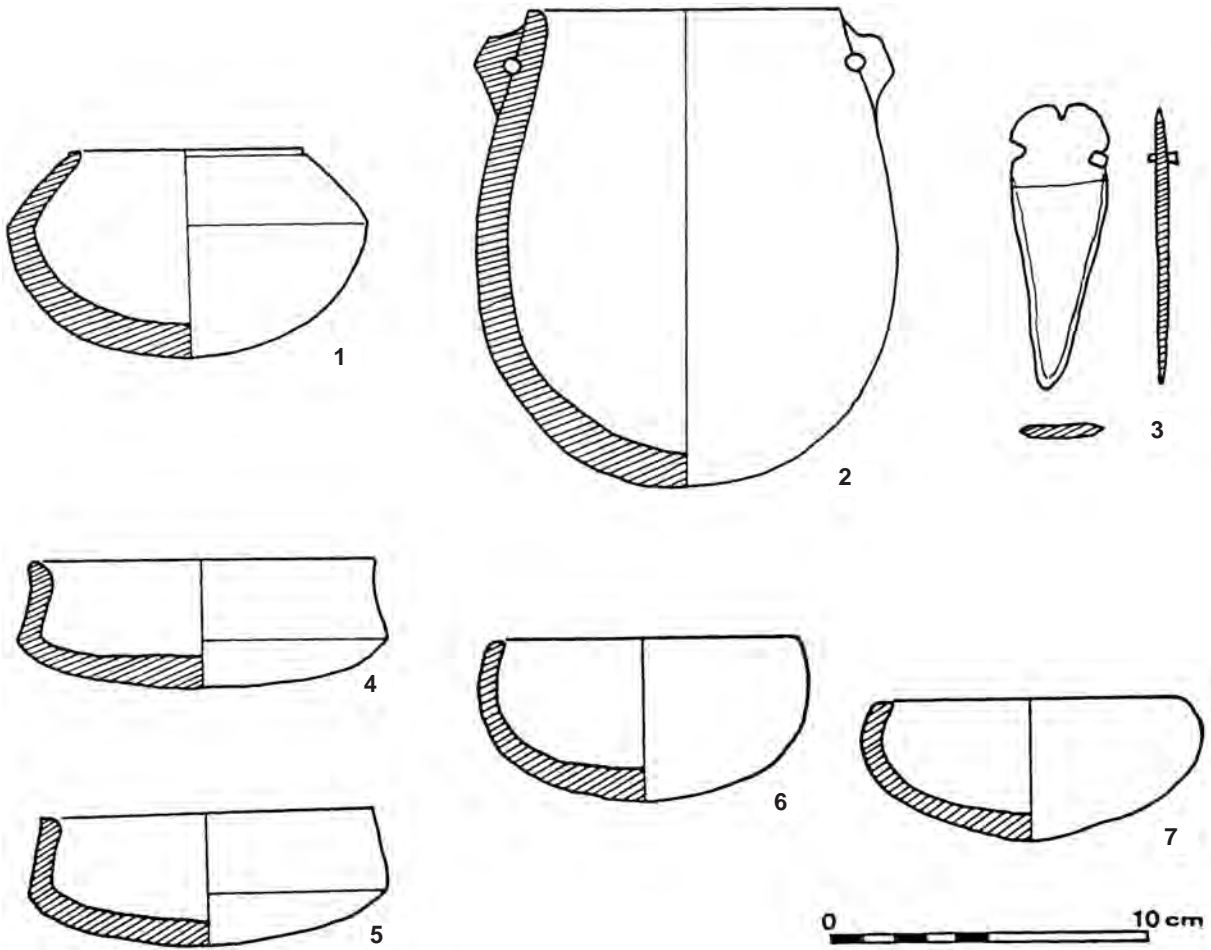


Fig. 10 – Dádivas funerárias de diversas cistas: 1 – Santa Justa; 2 e 3 – Carapetal; 4 e 5 – Barranco do Salto; 6 e 7 – Herdade do Montinho.

que aqui têm sido referidas, deva corresponder uma grande diacronia que ainda não foi possível precisar, estamos em crer que para essa diversidade não existirá apenas uma justificação de ordem cronológica.

Assim, se as inumações em fossa/"silo" primam pela ausência de quaisquer dádivas funerárias, já aquelas realizadas em cistas podem apresentar um ou vários artefactos como dádivas. Na cista de Santa Justa, a inumação estava acompanhada de um vaso de cerâmica, de carena alta (Fig. 10, n.º 1); na cista do Barranco do Salto, por duas tijelas tipo Atalaia, de dimensões similares (Fig. 10, n.º 4 e 5); na da Herdade do Montinho, por duas taças hemisféricas, de bordo ligeiramente reentrante, quase idênticas (Fig. 10, n.º 6 e 7); na do Carapetal, por um vaso em forma de saco, com dois mamilos junto ao bordo com perfuração horizontal, e um punhal de cobre, de rebites (Fig. 10, n.º 2 e 3). Na necrópole dos Bugalhos, que não se encontrava violada, uma das cistas continha três vasos cerâmicos, de carena baixa, apresentando dois deles uma pequena asa junto ao bordo (Fig. 11-A), enquanto que na outra cista, além de um vaso semelhante aos anteriores, tinha também sido depositado um vaso assimétrico de superfície externa brunida e boca elíptica, provido de uma asa, bem como dois punhais de cobre, de rebites (Fig. 11-B). Um pequeno fragmento de um tecido de linho foi datado pelo radiocarbono, obtendo-se a data Beta-120049 3450±40 BP. Por fim, da necrópole dos Carapinhais, da única cista não violada provém um vaso hemisférico de

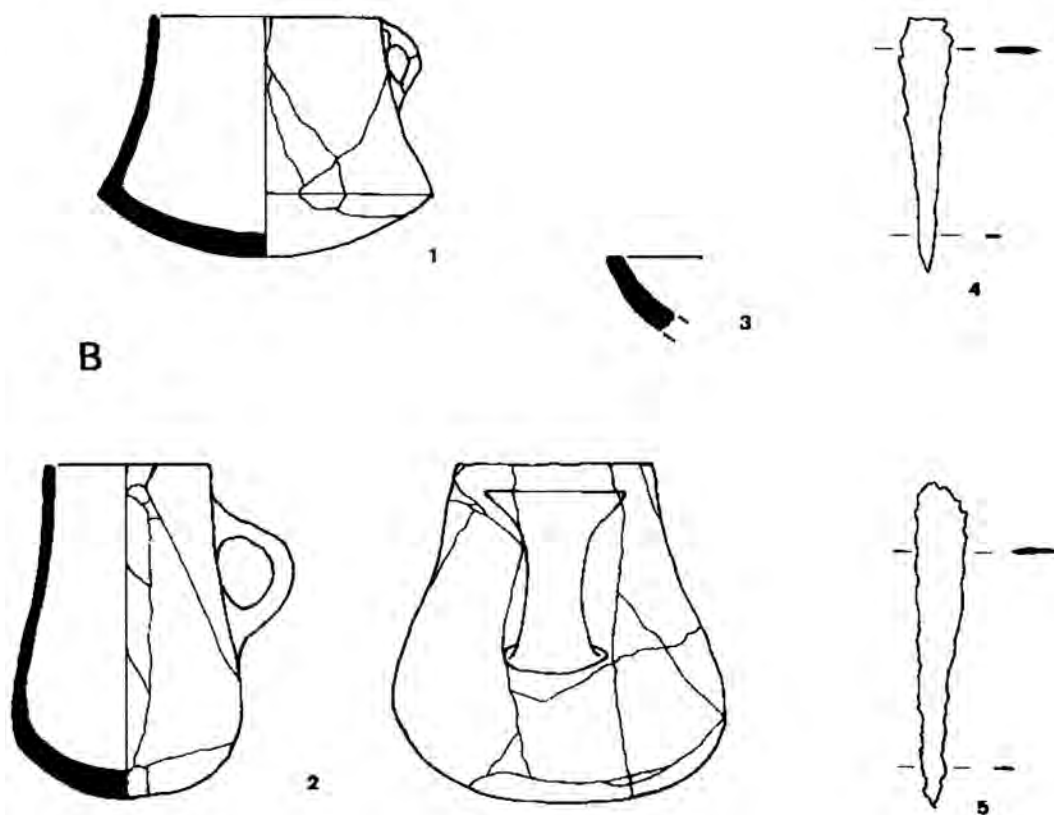
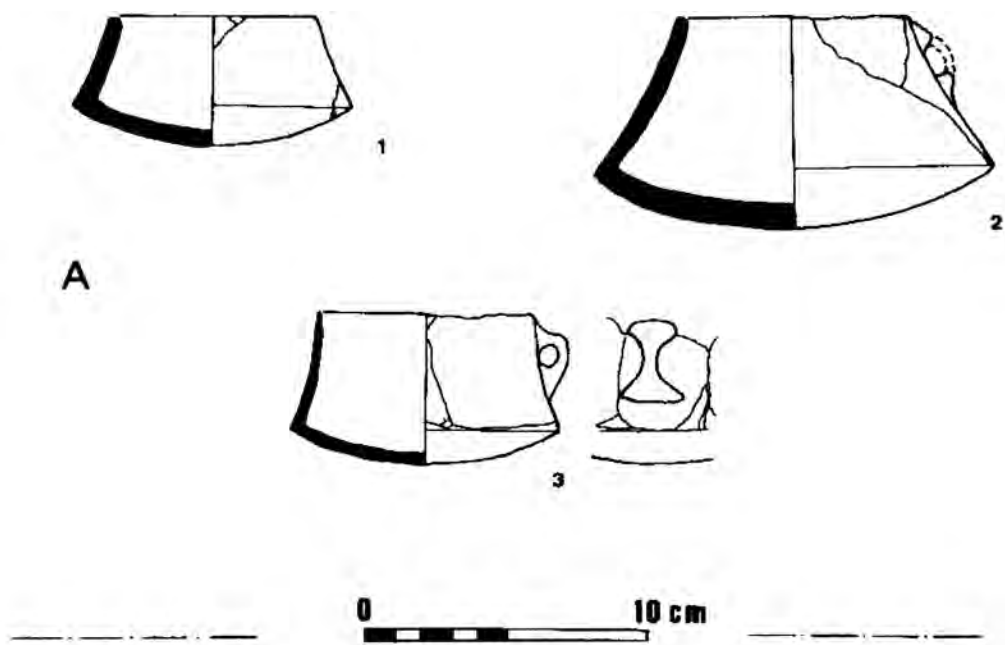


Fig. 11 - Dádivas funerárias da necrópole dos Bugalhos: A - cista 1; B - cista 2.

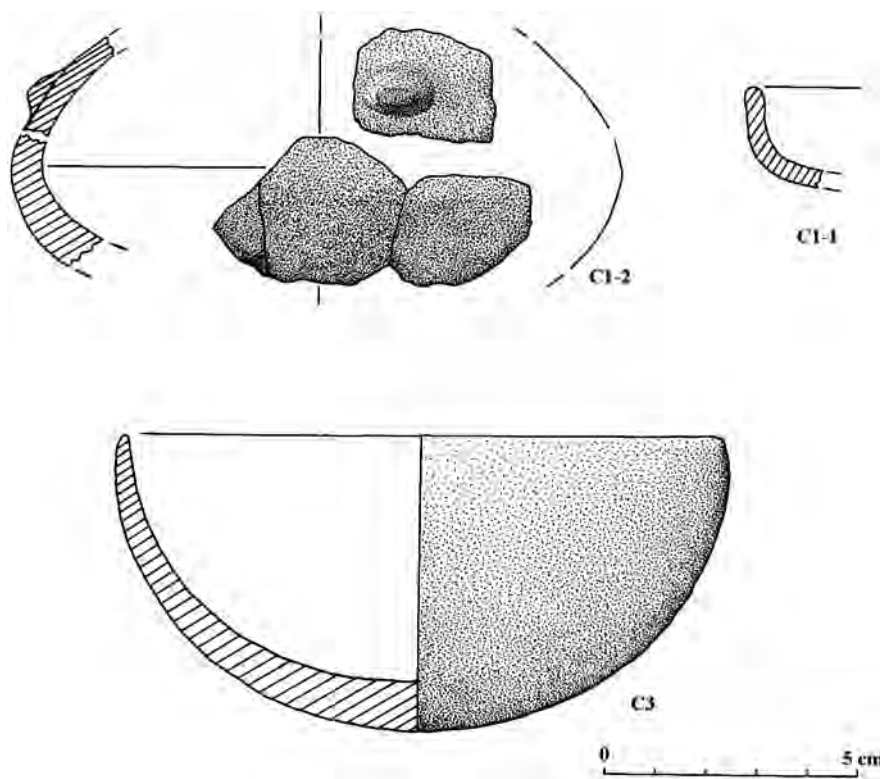


Fig. 12 – Dádivas funerárias em cerâmica da necrópole dos Carapinhais: cista 1: C1-1 e C1-2; cista 3: C3.

cerâmica; outras duas cistas desta necrópole teriam também dádivas cerâmicas, cujas formas não são totalmente reconstituíveis (Fig. 12), enquanto que na cista restante foram recolhidas 17 contas de colar de pedra (Fig. 13).

Sobressaindo neste panorama das dádivas funerárias encontram-se as provenientes da sepultura de Belmeque (Fig. 14). Além do cuidado acabamento e exotismo do vaso cerâmico, destaca-se a riqueza dos artefactos metálicos – faca de bronze com rebites de ouro; dois punhais, um de bronze e outro de cobre, ambos com rebites de prata; diversas tachas de prata (ARAÚJO & ALVES, 1994). A acrescentar a estas dádivas, foram recolhidos nesta sepultura 1 rádio e 1 cúbito esquerdos de um bovídeo, 1 rádio esquerdo de outro bovídeo e, ainda, 1 outro fragmento de cúbito também de bovídeo (OLIVEIRA, 1994, p. 186).

2.1.2.5. Artefactos à superfície nas necrópoles

Na área de algumas necrópoles têm sido encontrados artefactos, normalmente cerâmicas, muito fragmentadas e, mesmo, algo roladas, que têm sido normalmente interpretados como vestígios de um ritual que traria para as necrópoles terra da área dos respectivos povoados (SILVA & SOARES, 1981; COELHO & CARDOSO, 1944). Conjuntos artefactuais deste tipo foram registados na área da necró-



Fig. 13 – Contas de colar de pedra da cista 2 da necrópole dos Carapinhais.

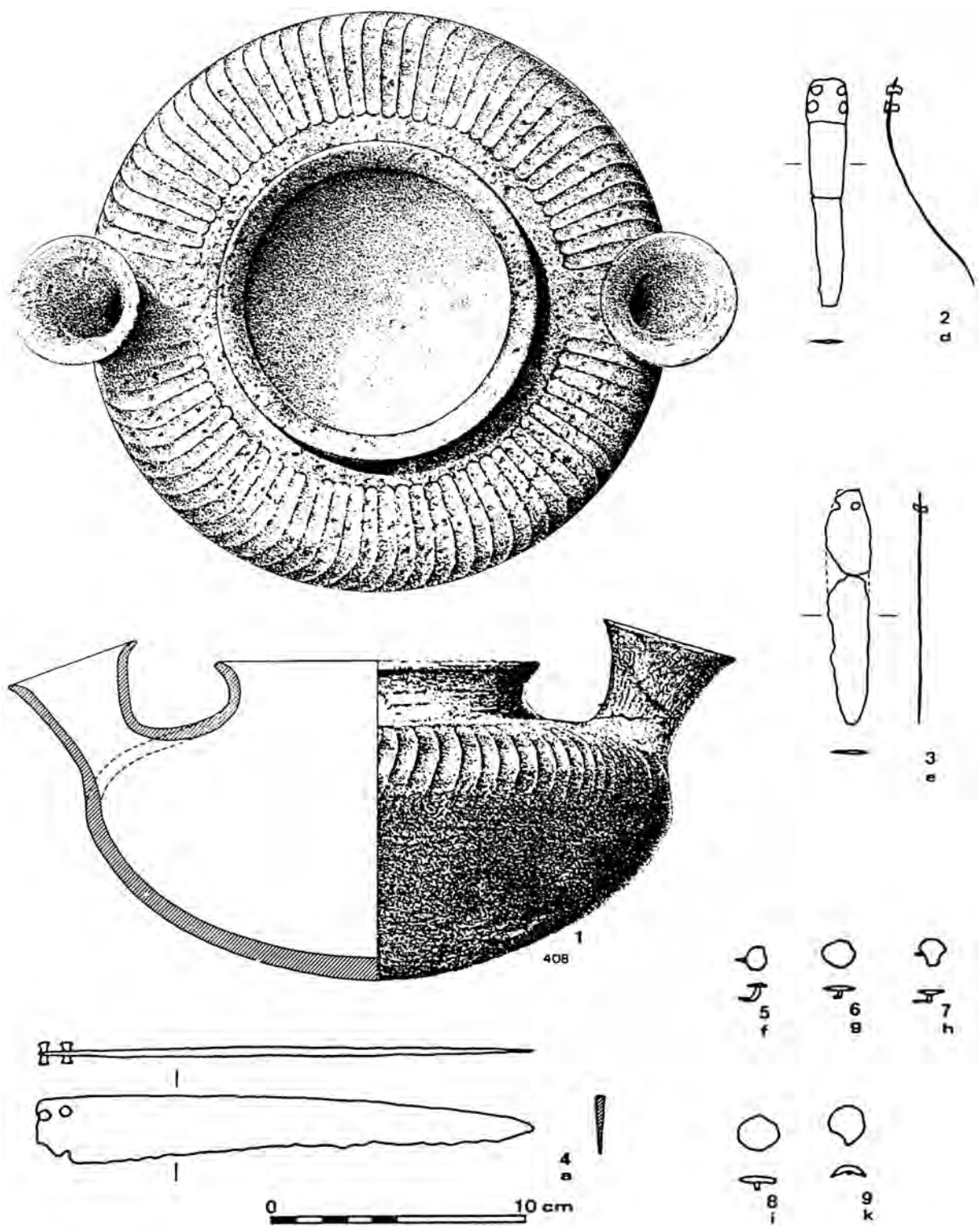


Fig. 14 - Dádivas funerárias da sepultura de Belmeque, baseada em H. Schubart (1975, Tafel 59).

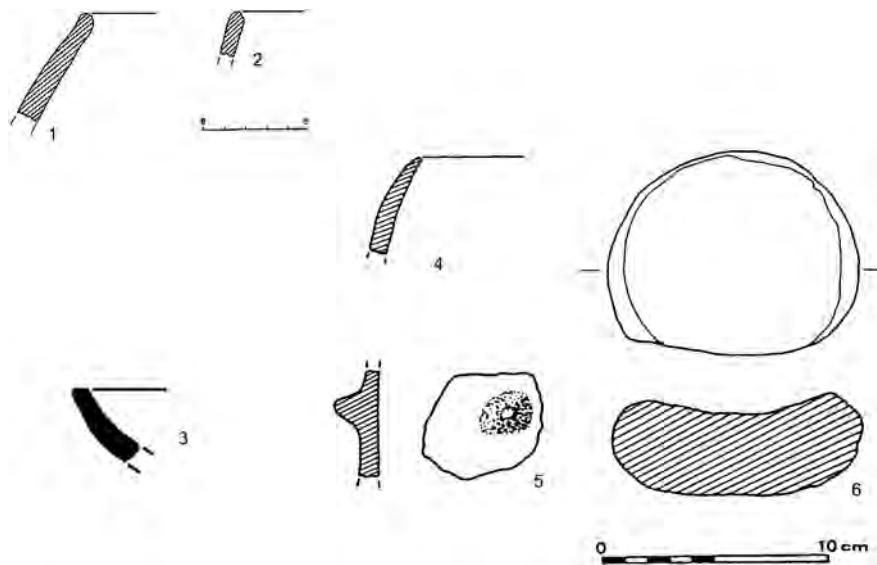


Fig. 15 - Artefactos encontrados à superfície de algumas necrópoles, possivelmente vestígios de rituais de comensalidade. 1 e 2 - Carapinhais; 3 - Bugalhos; 4,5 e 6 - Talho do Chaparrinho.

pole do Talho do Chaparrinho (SOARES, 1994, p. 181), na dos Carapinhais (SOARES *et al.*, 2007, p. 182) e na dos Bugalhos (SOARES, 2000, p. 50). Uma selecção desses materiais pode ser observada na Fig. 15.

2.1.2.6. Representação simbólica

No anel de lajes de xisto colocadas de cutelo, que delimitava o *tumulus* da cista 3 da necrópole dos Carapinhais, no enfiamento do eixo maior da cista, a Este, encontrava-se uma laje com duas covinhas (Fig. 16; ver, também, Fig. 7). O carácter antropomórfico e ritual da mesma parece evidente. É, no entanto, a única manifestação religiosa “pura” que foi registada em todos estes contextos do Bronze do Sudoeste que temos vindo a analisar.



Fig. 16 - Pormenor do *tumulus* da cista 3 e respectivo anel de contenção (à direita). Assinala-se com uma seta a laje com duas covinhas, que se individualiza, por fotografia, à direita da figura.

2.1.3. Os contextos funerários do Bronze Final

Os contextos funerários do Bronze Final, nesta região do Sudoeste que temos vindo a referir, eram até há dois ou três anos atrás, praticamente desconhecidos. As cistas, que constituem, porventura, as estruturas mais vulgares no Bronze Pleno, parecem ter deixado de ser construídas e utilizadas no Bronze Final. No entanto, conhecem-se algumas cistas da Primeira Idade do Ferro, estruturalmente idênticas às do Bronze Pleno, como sejam, entre outras, as das necrópoles de Corte Margarida, Aljustrel (DEUS & CORREIA, 2005), do Cabeço da Vaca, Alcoutim (CARDOSO & GRADIM, 2008) ou dos Gregórios, Silves (BARROS *et al.*, 2005), o que indicia um ritual de inumação em continuidade desde o Bronze Pleno até à Primeira Idade do Ferro, embora segundo alguns autores esse ritual possa ter ressurgido nesta última época por influências com origem no Mediterrâneo Central (TORRES ORTIZ, 1999). Ultimamente, a escavação de



Fig. 17 - Uma das inumações em fossa/"silo" do Casarão da Mesquita 3, atribuível ao Bronze Final.

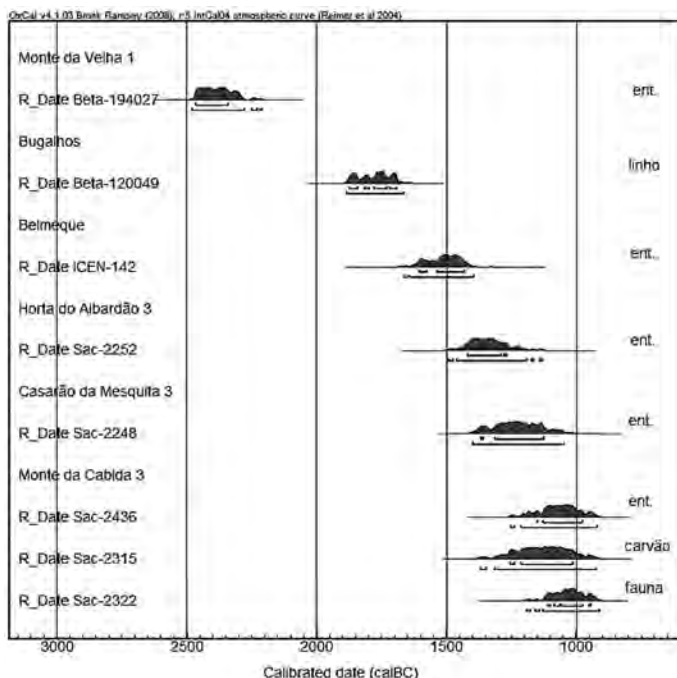


Fig. 18 - Datas de radiocarbono calibradas de inumações mencionadas no texto.

diversos conjuntos de fossas/"silo", os denominados "campos de hoyos" da literatura arqueológica espanhola, permitiram a identificação de várias inumações em posição fetal (Fig. 17), sem quaisquer dádivas funerárias, mas que foi possível atribuir ao Bronze Final através da datação pelo radiocarbono dos esqueletos ou das camadas arqueológicas que os embalavam (ver Tabela 1 e Fig. 18). São os casos dos dois enterramentos do Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora) e, pelo menos, de um dos diversos enterramentos em fossa/"silo" do Monte da Cabida 3.

2.2. Rituais em contextos de habitat

Nos últimos quatro anos, trabalhos de investigação conjugados com outros de carácter preventivo permitiram redefinir o conhecimento existente sobre o povoamento do Bronze do

Sudoeste, em particular do que se concentra na bacia do Médio Guadiana, em ambas as suas margens, incidindo no território actualmente alentejano. De facto, a par do já assinalado povoamento de altura, com ou sem fortificações, atribuível ao Bronze Final, registam-se ocupações de planície, que podem estender-se por vastas áreas. Estes povoados abertos, em que alguns parecem abarcar uma larga diacronia – do Bronze Inicial ao Bronze Final – constituem uma novidade no registo arqueológico do Alentejo. Implantam-se em terrenos férteis, beneficiando de fontes secundárias, mas permanentes, de água e denotam, em alguns casos, como já foi referido, a simbiose do espaço habitacional com o funerário. O seu estudo ainda está, na maior parte dos casos, numa fase muito embrionária, pelo que nos iremos apenas referir a contextos de habitat do Bronze Final, qualquer que seja o seu tipo, e onde já exista alguma evidência arqueológica, mesmo que ténue, que indicie a existência de rituais aí praticados.

Tabela 1 – Algumas datas de radiocarbono para o Bronze do Sudoeste

Ref. Lab.	Amostra	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	Data ^{14}C (anos BP)	Data calibrada (cal BC)*	
				1 σ	2 σ
Monte da Velha 1					
Beta-194027	Ossos humanos	-19,4	3900±40	2465-2343	2479-2211
Bugalhos					
Beta-120049	Ossos humanos	-26,1	3450±40	1874-1692	1886-1666
Belmeque					
ICEN-142	Ossos humanos	-18,6	3230±60	1610-1430	1660-1400
Horta do Albardão 3					
Sac-2252	Ossos humanos	-21,6	3080±60	1420-1270	1490-1130
Casarão da Mesquita 3					
Sac-2248	Ossos humanos	-19,7	2990±60	1370-1130	1400-1050
Sac-2305	Fauna	-20,4	2900±70	1250-1000	1310-910
Sac-2309	Fauna	-19,9	2900±80	1370-1090	1420-980
Sac-2306	Carvão	-25,0	2890±60	1190-980	1260-920
Sac-2311	Fauna	-21,1	2800±40	1003-907	1050-840
Sac-2303	Carvão	-26,1	2780±50	997-850	1048-819
Monte da Cabida 3					
Sac-2436	Ossos humanos	-20	2880±50	1150-980	1250-920
Sac-2315	Carvão	-22,9	2920±70	1260-1010	1370-920
Sac-2322	Fauna	-21,3	2860±40	1110-950	1190-910

* Datas calibradas fazendo uso da curva IntCal04 (REIMER *et al.*, 2004) e do programa OxCal v4.1.03 (BRONK RAMSEY, 2001)

A cerâmica de ornatos brunidos constitui um dos elementos da cultura material que tem sido considerado como característico dos povoados do Bronze Final do Sudoeste. No entanto, Casarão da Mesquita 3 e Monte da Cabida 3, no concelho de Évora, com ocupações extensas e bem datadas do Bronze Final (ver Tabela 1; ver, também, ANTUNES *et al.*, 2008), não apresentam esse tipo de cerâmica. Verificou-se, por outro lado, que é relativamente rara no conjunto artefactual cerâmico recolhido em diversos outros sítios como no Passo Alto, na Crespa, na Misericórdia, em S. Brás 1, na Casa Branca 1 e na Salsa 3, todos no concelho de Serpa, na Serra Alta e no Álamo, no concelho de Moura (SOARES, 2006), na Corôa do Frade, próximo de Évora (ARNAUD, 1979, 1995) ou no Alto do Castelinho da Serra, no concelho de Montemor-o-Novo (GIBSON *et al.*, 1998).

Santa Margarida, um sítio aberto da bacia do Guadiana, próximo de Serpa, é constituído por três núcleos, separados entre si por cerca de uma centena de metros e, em todos eles e ao contrário do que acontece nos sítios de *habitat* atrás referidos, a cerâmica, praticamente o único tipo de artefacto aí recolhido, apresenta uma percen-



Fig. 19 - Fundo de vaso de cerâmica de Santa Margarida com a superfície externa decorada com ornatos brunidos geométricos.

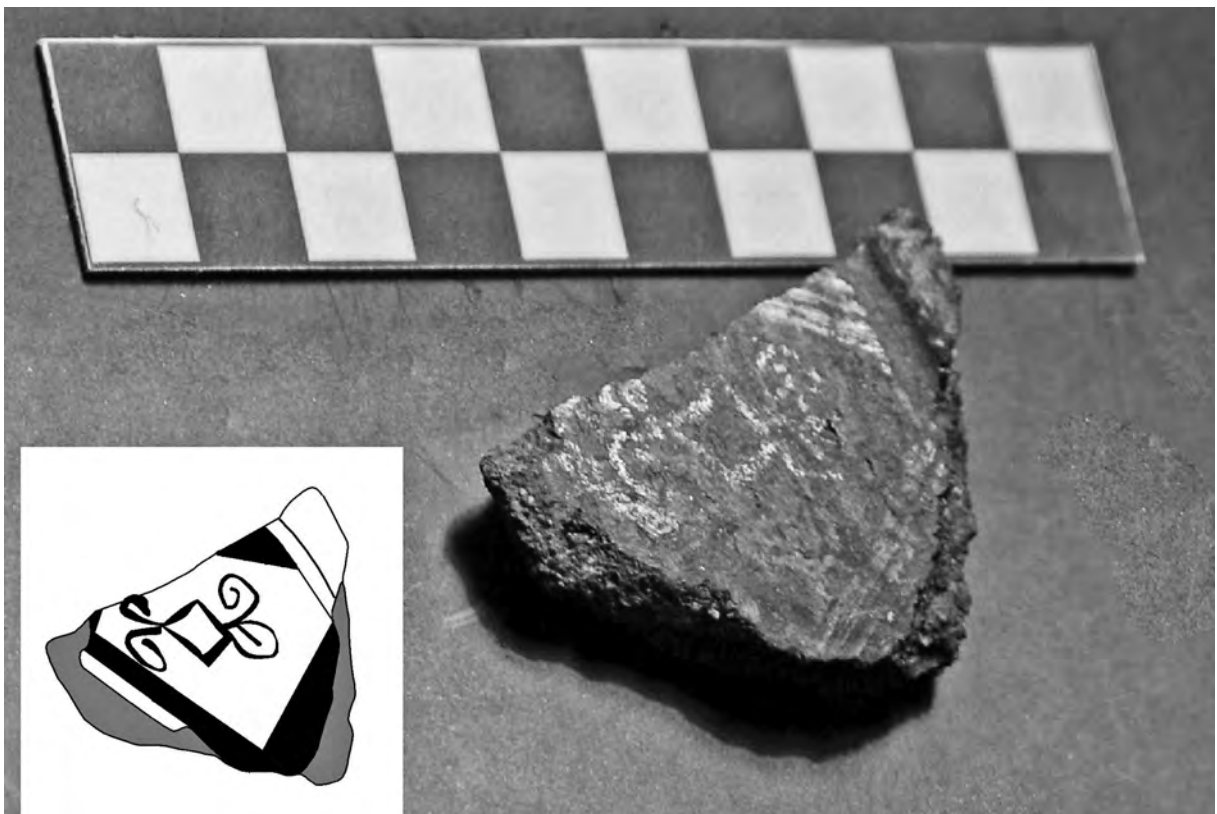


Fig. 20 - Pequeno fragmento de um vaso de cerâmica de Santa Margarida com decoração de ornatos brunidos na superfície externa, representando possíveis motivos naturalistas (escala: 5 cm).

tagem alta de vasos com ornatos brunidos – várias centenas de fragmentos decorados foram já aí registados (ver uma selecção desse fragmentos decorados em SOARES, 2005, Figs. 8-10). Embora a decoração seja aplicada na maioria dos casos na superfície externa dos vasos, a decoração no interior dos mesmos, ou em ambas as superfícies, não é rara. Na Fig. 19 pode observar-se o fundo exterior de um vaso com decoração brunida e, na Fig. 20, um pequeno fragmento de um outro vaso cuja superfície externa apresenta uma decoração com possíveis motivos naturalistas (BUERO MARTÍNEZ, 1984), decorações únicas ou extremamente raras no mundo das cerâmicas de ornatos brunidos do Sudoeste Peninsular.

M. Torres Ortiz (2002, p. 130), a propósito da cerâmica de “retícula brunida” (ornatos brunidos) no Sudoeste Espanhol, escreve: “*Así, las cazuelas y copas con esta decoración [retícula brunida] se habrían utilizado como vajilla para el consumo de alimentos y bebidas en rituales y ceremonias*”. E a propósito dos exemplares de ornatos brunidos da Lapa do Fumo e da Gruta do Correio Mor, João Luis Cardoso interroga-se sobre o “*significado paleontológico*” da ocorrência destas cerâmicas e considera que será de lhes atribuir um significado ritual, correspondente a oferendas em santuário rupestre, ao mesmo tempo que lança a hipótese de esses rituais estarem correlacionados com a água (CARDOSO, 1996, 1997/98, 2000). A relação de Santa Margarida com a água parece verificar-se – implanta-se entre dois cursos de água, o da Carelinha e o de Santa Ana, sendo este último permanente, uma vez que, junto a ele, na base da suave colina onde se implanta Santa Margarida, existe uma fonte de água permanente, a Fonte Ferreira. Além disso, não parece ser muito admissível que um sítio onde residisse uma população com carácter mais ou menos permanente, os elementos de moagem ou os ligados à agricultura, como os elementos de foice, primassem pela ausência, como já atrás foi referido. Assim, julgamos que será plausível atribuir ao sítio de Santa Margarida um cunho ritual, ligado à água. De igual modo, concordando com as interpretações e hipóteses de Torres Ortiz e João Luís Cardoso, parece-nos também plausível inferir a ligação da cerâmica de ornatos brunidos a actos rituais.

Outros contextos arqueológicos do Bronze Final, recentemente registados, parecem também indiciar a existência de rituais cuja interpretação e finalidade é por agora difícil de alcançar. Estamos a referir-nos à vitrificação de muralhas, de que as do Passo Alto e da Misericórdia, ambos no concelho de Serpa, constituem os exemplos atribuíveis ao Bronze do Sudoeste mais investigados (SOARES, 2007). A análise química e textural de fragmentos pétreos vitrificados aí recolhidos permitiu verificar uma elevada concentração do elemento P (fósforo) nos vidros neoformados (ao contrário do que acontece no material pétreo não vitrificado), o que poderá resultar da existência de material ósseo na constituição da muralha (DÍAZ-MARTÍNEZ *et al.*, 2005; CATANZARITI *et al.*, 2008). RALSTON (2007) descreve a existência de restos humanos e também de animais nas estruturas defensivas das fortificações célticas das Ilhas Britânicas; o mesmo terá acontecido nos Castelos de Monte Novo, Évora (BURGESS *et al.*, 1999), onde foi identificado um osso de um mamífero no seio de uma massa pétreo vitrificada da muralha. Estas evidências arqueológicas, embora datadas de uma época posterior à que estamos a analisar, poderão ser aplicáveis ao fenómeno de vitrificação das fortificações do Bronze Final, confirmando a inferência de que a obtenção de teores elevados de fósforo nos blocos pétreos vitrificados das muralhas se deve à existência de restos ósseos nas mesmas.

Também a vitrificação de algumas das muralhas poderá ter obedecido a uma prática ritual. Segundo I. Ralston (2006), a vitrificação, quando destrutiva e deliberada, afectando grandes extensões da fortificação, pode estar ligada à obtenção de estruturas de condenação dos contextos humanos pré-existentes, tendo sido realizada pelos próprios habitantes do sítio quando o mesmo foi abandonado.

3. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Do atrás referido parece poder concluir-se que o registo efectuado das sepulturas/necrópoles e dos contextos que lhe estão associados indiciam uma grande variabilidade nas práticas funerárias, variabilidade essa que não poderá ser explicada apenas pela eventual diacronia associada às manifestações funerárias de regiões tão restritas como as que estão em causa. A orientação e tipo de sepultura, a posição do corpo, o número de inumações, a remoção do crânio ou a sua colocação em posição proeminente na sepultura, as deposições secundárias, a presença e tipo de dádivas funerárias, são algumas das variáveis mais frequentes que podemos verificar nos contextos funerários por nós intervencionados na margem esquerda do Guadiana e nas planícies de S. Manços (Évora). A variabilidade parece ser a regra nas práticas funerárias, o que pode sugerir que no âmago do ritual existia o respeito pelo morto, mais do que simbolismos crípticos e ritos perfunctórios, os quais são muitas vezes característicos de uma qualquer religião. Deverá, no entanto, também ter-se em atenção que a desigualdade social pode ser uma das razões por detrás das diferenças nas práticas funerárias. O número e a qualidade das dádivas funerárias – comparem-se as dádivas das cistas dos Bugalhos com as das cista de Santa Justa ou do Barranco do Salto – bem como as estruturas onde se inserem as cistas – por exemplo, cistas com uma determinada orientação inseridas em grandes círculos de pedras, enquanto que outras com diferente orientação se inserem em círculos menores na mesma necrópole, como nos Carapinhais, ou a cista inserida num grande *cairn*, na necrópole do Talho do Chaparrinho – deverão ser manifestações de desigualdade social, que se expressa por diferentes rituais. Outra manifestação dessas desigualdades e desses rituais, será aquela que se expressa pelas inumações em fossas/”silo”, desprovidas de dádivas, se comparadas com as efectuadas em cistas, onde as dádivas são uma constante. No Monte da Cabida 3 essa desigualdade parece ter a sua expressão mais evidente através da existência dos dois tipos de inumação. Por outro lado, o simbolismo que se pode associar às práticas rituais e que é passível de ser reconhecido no registo arqueológico, tem um bom exemplo na orientação das duas cistas que constituem a necrópole dos Bugalhos, ou na laje com carácter antropomórfico, possível representação de uma divindade, colocada no enfiamento do eixo maior de uma das cistas da necrópole dos Carapinhais.

Além disso, ao reexaminar a finalidade dos artefactos depositados e o seu significado no ritual funerário, verifica-se que alguns objectos poderão ser deposições simbólicas, colocadas pelos acompanhantes/participantes no funeral como parte de um costume cerimonial, em vez de serem propriedade do defunto. É nesta linha que se reinterpretam os fragmentos cerâmicos e outros artefactos que aparecem junto das sepulturas, que têm sido considerados como vestígios de um ritual que transportaria terra da área do povoado para as proximidades das mesmas. No entanto, julgamos que poderão ser antes vestígios de libações ou banquetes, cerimónias rituais de comensalidade que teriam tido lugar aquando do funeral, junto à sepultura, e que foram processos erosivos, muito provavelmente decorrentes da agricultura, que originaram a sua grande fragmentação. No Sudeste Peninsular, estes rituais de comensalidade encontram-se bem identificados e descritos (veja-se, por exemplo, ARANDA JIMÉNEZ & ESQUIVEL GUERRERO, 2006, 2007; SÁNCHEZ ROMERO *et al.*, 2007) e, também, deverão ter sido realizados no Sudoeste. O paralelismo entre a sepultura de Belmeque e as sepulturas da Cultura de El Argar é grande e, de igual modo, as ricas dádivas funerárias artefactuais, entre elas um exótico vaso cerâmico sem paralelos estreitos, provavelmente manufacturado para a ocasião, acompanhadas de restos de bovídeos, apontam para os rituais funerários e de comensalidade associados a personagens de elevado nível social, em que esses rituais “contribuem para a criação de um sentido de comunidade ao mesmo tempo que encenam e tornam natural as relações sociais claramente desiguais” (ARANDA JIMÉNEZ & ESQUIVEL GUERRERO, 2006, p. 121).

No referente aos contextos habitacionais, ainda num estado incipiente de investigação, a análise do acervo artefactual neles recolhido, designadamente a cerâmica decorada com ornatos brunidos, parece indicar uma ligação desta cerâmica a um ritual cuja definição nos parece ainda impossível de enunciar com alguma segurança.

Também a função do sítio do Bronze do SW de Santa Margarida (Serpa), aberto, de planície, implantado entre dois riachos, onde essa cerâmica tem sido recolhida em abundância, mas onde a ausência de artefactos ligados à agricultura e a outras actividades produtivas é de realçar, poderá ser interpretada como indiciadora de um espaço onde se desenrolariam práticas rituais que nos são também ainda desconhecidas mas, provavelmente, relacionadas com a água. Por fim, a vitrificação observada em diversos aparelhos defensivos no Bronze do Sudoeste (e também na Idade do Ferro) indicia a existência de restos ósseos na constituição desses aparelhos, certamente relacionados com um qualquer ritual aquando da construção das muralhas, bem como os rituais de condenação das mesmas poderão estar na origem da vitrificação que algumas sofreram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, A.S.; DEUS, M.; SOARES, A.M.M.; SANTOS, F.; ARÊZ, L.; DEWULF, J.; BAPTISTA, L. & OLIVEIRA, L. (2008) – Povoados Abertos do Bronze Final no Médio Guadiana. In “*Sidereum Ana II (Mérida, 2008)*”. (em publicação).
- ARANDA JIMÉNEZ, G. & ESQUIVEL GUERRERO, J.A. (2006) – Ritual Funerário y Comensalidade en las Sociedades de la Edad del Bronce del Sureste Peninsular: La Cultura de El Argar. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 63:2, p. 117-133.
- ARANDA JIMÉNEZ, G. & ESQUIVEL GUERRERO, J.A. (2007) – Poder y Prestigio en las Sociedades de la Cultura de El Argar. El Consumo Comunal de Bóvidos y Ovicápridos en los Rituales de Enterramiento. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 64:(2), p. 95-118.
- ARAÚJO, M.F. & ALVES, L.C. (1994) – Análise por PIXE e XRF de alguns artefactos metálicos do Bronze do Sudoeste. In “*Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*”. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 186-189.
- ARNAUD, J.M. (1979) – Corôa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos Arredores de Évora – Escavações de 1971/1972. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 20, p. 56-100.
- ARNAUD, J.M. (1995) – Corôa do Frade: uma fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 43.
- BARROS, P.; BRANCO, G.; DUARTE, C. & CORREIA, J. (2005) – A Cista dos Gregórios (Silves). *Xelb (Actas do 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves 2003)*. 3, p. 41-52.
- BRONK RAMSEY, C. (2001): Development of the Radiocarbon calibration program OxCal. *Radiocarbon*. Tucson. 43: p. 355-363.
- BRÜCK, J. (1999) – Ritual and Rationality: Some Problems of Interpretation in European Archaeology. *European Journal of Archaeology*. 2:3, p. 313-344.
- BUERO MARTÍNEZ, M.S. (1984) – Los motivos naturalistas en la ceramica pintada del Bronce Final del Suroeste Peninsular. *Habis*. Sevilla. 15, p. 345-364.
- BURGESS, C.; GIBSON, C.; CORREIA, V. & RALSTON, I. (1999) – Hillforts, oppida and vitrification in the Évora area, Central Portugal. In FRODSHAM, P.; TOPPING, P. & COWLEY, D., eds.-“*We are always chasing time’: papers presented to Keith Blood (=Northern Archaeology, 17/18)*”, special edition, p. 129-147.

- CARDOSO, J.L. (1996) – O Bronze Final da Baixa Estremadura e as Cerâmicas de Ornatos Brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5, p. 6-14.
- CARDOSO, J.L. (1997/1998) – As Cerâmicas de Ornatos Brunidos da Gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 155-167.
- CARDOSO, J.L. (2000) – Manifestações Funerárias da Baixa Estremadura no Decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I Milénios A. C.): Breve Síntese. *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto. Vol. 5, p. 61-99.
- COELHO, A. V. Pinto & CARDOSO, J. L. (1994) – Cerâmicas da necrópole da Idade do Bronze de Alfarrobeira (Silves). Análises macro e microscópicas. In GOMES, M. Varela, *A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines e a Idade do Bronze no Concelho de Silves*. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 141-145 (Xelb, 2).
- CARDOSO, J.L. & GRADIM, A. (2008) – O núcleo II da necrópole da Idade do Ferro do Cabeço da Vaca (Alcoutim). *Xelb (Actas do 5.º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves 2007)*. 8:1, p. 103-115.
- CATANZARITI, G.; McINTOSH, G.; SOARES, A.M.M.; DÍAZ-MARTÍNEZ, E.; KRESTEN, P. & OSETE, M.I. (2008) – Archaeomagnetic dating of a vitrified wall at the Late Bronze Age settlement of Misericórdia (Serpa, Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 35, p. 1399-1407.
- DEUS, M. & CORREIA, J. (2005) – Corte Margarida. Mais uma Necrópole Orientalizante no Baixo Alentejo. In CELESTINO PEREZ, F.; JIMÉNEZ ÁVILA, J., eds. *El Período Orientalizante (Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterraneo Occidental)*. (Anejos de AespA XXXV). Mérida: Instituto de Arqueología. Vol. I, p. 615-618.
- DÍAZ-MARTÍNEZ, E.; SOARES, A.M.M.; KRESTEN, P. & GLAZOVSKAYA, L. (2005) – Evidence for wall vitrification at the Late Bronze Age settlement of Passo Alto (Vila Verde de Ficalho, Serpa, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 151-161.
- GIBSON, C.; CORREIA, V.H.; BURGESS, C.B. & BOARDMANN, S. (1998) – Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A Preliminary Report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval Site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 0, p. 189-244.
- KYRIAKIDIS, E. (2004) – The Archaeology of Ritual: The Third Cotsen Advanced Seminar. <http://ioa.ucla.edu/backdirt/sprsum04/ritual.html>
- KYRIAKIDIS, E. (2007) – Finding Ritual: Calibrating the Evidence. In E. Kyriakidis (ed.), *“The Archaeology of Ritual” (Cotsen Advanced Seminar 3)*. Los Angeles: Cotsen Institute of Archaeology, University of California, p. 9-22.
- MARCUS, J. (2007) – Rethinking Ritual. RENFREW, C. (2007) – The Archaeology of Ritual, of Cult, and of Religion. In KYRIAKIDIS, E., ed. *“The Archaeology of Ritual” (Cotsen Advanced Seminar 3)*. Los Angeles: Cotsen Institute of Archaeology, University of California. p. 43-76.
- MORRIS, J. & RANDALL, C. (2008) – Beyond Meta-level explanations of ritual. <http://www.tagconference.org/content/beyond-meta-level-explanations-ritual>
- OLIVEIRA, J.C. (1994) – Estudo do Espólio Ósseo de sepulturas do Bronze do Sudoeste. In *“Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)”*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 185-186.
- PAÇO, A. & LEAL, J.B. (1962/63) – Sepulturas Argáricas da Folha das Palmeiras (Mourão). *A Cidade de Évora*. Évora. 45-46, p. 21-24.

- RALSTON, I. (2006) – *Celtic fortifications*. Stroud, Gloucestershire: Tempus Publishing.
- RALSTON, I. (2007) – Celtic Fortifications in the British Isles. In BERROCAL-RANGEL, L.; MORET, P., eds.-*Paisajes Fortificados de la Edad del Hierro*. Madrid: Real Academia de la Historia / Casa de Velázquez. p. 113-134.
- REIMER, P.J.; BAILLIE, M.G.L.; BARD, E.; BAYLISS, A.; BECK, J.W.; BERTRAND, C.J.H.; BLACKWELL, P.G.; BUCK, C.E.; BURR, G.S.; CUTLER, K.B.; DAMON, P.E.; EDWARDS, R.L.; FAIRBANKS, R.; FRIEDRICH, M.; GUILDERTON, T.P.; HOGG, A.G.; HUGHEN, K.A.; KROMER, B.; McCORMAC, G.; MANNING, S.; RAMSEY, C.B.; REIMER, R.W.; REMMELE, S.; SOUTHON, J.R.; STUIVER, M.; TALAMO, S.; TAYLOR, F.W.; van der PLICHT, J. & WEYHENMEYER, C.E. (2004) – IntCal04 Terrestrial Radiocarbon Age Calibration, 0-26 cal Kyr BP. *Radiocarbon*. Tucson. 46:3, p. 1029-1058.
- RENFREW, C. (2007) – The Archaeology of Ritual, of Cult, and of Religion. In E. KYRIAKIDIS (ed.), *The Archaeology of Ritual (Cotsen Advanced Seminar 3)*. Los Angeles: Cotsen Institute of Archaeology, University of California. p. 109-122.
- RIBEIRO, M.I.M. & SOARES, A.M.M. (1991) – A sepultura do Bronze do Sudoeste da Herdade do Montinho (Vale de Vargo, Serpa). Aplicação de alguns métodos instrumentais de análise química a um problema arqueológico. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 287-298.
- SÁNCHEZ ROMERO, M.; ARANDA JIMÉNEZ & ALARCÓN GARCIA, E. (2007) – Gender and Age Identities in Rituals of Comensality. The Argaric Societies. *Treballs d'Arqueologia*. Barcelona. 13, p. 69-89.
- SCHUBART, H. (1971) – O Horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico Final no Sudoeste da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (3/4), p. 189-215.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: W. de Gruyter. (Madrider Forschungen. 9).
- SILVA, A.M.; FERREIRA, M.T. & CUNHA, E. (2008) – Os restos ósseos humanos recuperados do monumento megalítico do Monte da Velha 1 (MV1) em Vila Verde de Ficalho (Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, p. 52-55.
- SILVA, C.T. & SOARES, J. (1981) – Os cemitérios de cistas da Idade do Bronze. In “*Pré-história da Área de Sines*”. Lisboa: Gabinete da Área de Sines. p. 141-180.
- SOARES, A.M.M. (1976/77) – Uma cista do Bronze do Sudoeste em Aldeia Nova de São Bento (Serpa). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 273-279.
- SOARES, A.M.M. (1994) – O Bronze do Sudoeste na Margem Esquerda do Guadiana. As Necrópoles do Concelho de Serpa. *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 179-197.
- SOARES, A.M.M. (2000) – Necrópole do Bronze do Sudoeste dos Bugalhos (Serpa). *Vipasca*. Aljustrel. 9, p. 47-52.
- SOARES, A.M.M. (2006) – Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 111-145.
- SOARES, A.M.M. (2007) – Cavalos-de-frisa e muralhas vitrificadas no Bronze Final do Sudoeste. Paralelos europeus. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 15, p. 155-182.

- SOARES, A.M.M. (2008) – O monumento megalítico Monte da Velha 1 (MV1) (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, p. 33-51.
- SOARES, A.M.M.; DEUS, M. & CORREIA, J.C. (2007) – Necrópole dos Carapinhais (Sobral da Adiça, Moura). *Vipasca. Arqueologia e História*. Aljustrel. 2ª Série, 2, p. 180-190.
- STUIVER, M. & REIMER, P.J. (1993) – Extended ¹⁴C Data Base and Revised CALIB 3.0 Age Calibration. *Radio-carbon*. Tucson. 35:1, p. 215-230.
- TORRES ORTIZ, M. (1995) – *Sociedad y mundo funerario en Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia. (Bibliotheca Archaeologica Hispana. 3).
- TORRES ORTIZ, M. (2002) – *Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia. (Bibliotheca Archaeologica Hispana. 14; Studia Hispano-Phoenicia. 1).